ISSN: 2358-8829

PORTINHO LIVRE: UMA EXPERIÊNCIA NA INTERFACE ENTRE ARTE LITERÁRIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Juliana Krapp Guimarães [1]
Marilyn Anderson Alves Bonfim [2]

INTRODUÇÃO

No processo de aprendizagem, "só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo" (1983, p.16), reflete Paulo Freire, em uma de suas conhecidas formulações, que convidam a uma educação libertadora e dialógica.

Apreender para reinventar: ação também intrínseca ao ato da leitura. O próprio Freire evoca em inúmeras outras partes de sua produção intelectual o quanto a leitura permite reinterpretar a realidade a partir do encontro entre as palavras e a experiência do leitor. Ou podemos também recorrer a Barthes e à sua descrição do texto literário como "presente perpétuo", ao situar o papel do leitor não como mero consumidor, mas como também ele produtor do próprio texto (1992).

Não à toa a literatura, e em especial a infantil, tem papel determinante em uma sociedade em transformação como a nossa. É o que enfatiza Nelly Novaes Coelho (2000), ao apontar como a arte literária para crianças e jovens desempenha papel fundamental na formação de sujeitos críticos, ao favorecer o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade e da capacidade de interpretar a realidade sob diferentes perspectivas. A literatura seria elemento fundamental na formação integral da criança, por seu potencial educativo, cultural e humanizador. E a escola, espaço privilegiado para a mediação da leitura literária, possibilitando o diálogo entre textos, experiências e contextos sociais. Ao estimular a interpretação, o questionamento e a reflexão sobre o mundo, a educação literária contribui para a formação de cidadãos autônomos, capazes de reconhecer a diversidade e participar criticamente da vida em sociedade.

[1] Jornalista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), doutora em literatura brasileira (Uerj); juliana.krapp@fiocruz.br
[2] Bióloga e Doutora em Ensino de Biociências e Saúde da Fundação Oswaldo - RJ, mel.bonfim@fiocruz.br.

ISSN: 2358-8829

E, no entanto, temos hoje um cenário preocupante para a formação de leitores no país, como mostra a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024). O levantamento revela que o hábito de leitura de livros diminuiu entre crianças e adolescentes de algumas faixas etárias e que a escola vem perdendo espaço como ambiente de leitura. Entre os leitores, a proporção daqueles que costumam ler livros em sala de aula caiu de 33%, em 2011, para 19%, em 2024, indicando uma perda de espaço dessa prática no ambiente educacional. A pesquisa também aponta uma diminuição na indicação de livros por professores entre estudantes que dispõem de bibliotecas ou salas de leitura nas instituições de ensino.

E não é só no campo da leitura que temos visto um cenário desafiador quanto à formação de jovens brasileiros. A pesquisa nacional *O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia* (Massarani et al., 2024) revela um paradoxo. Embora os jovens entrevistados afirmem que possuem alto interesse e confiança na ciência, existe baixa participação em atividades científico-culturais, pouco conhecimento sobre a produção científica brasileira e um interesse muito reduzido por política e temas de participação social. A pesquisa entrevistou jovens em todo o Brasil, e identificou níveis de interesse elevados por ciência e tecnologia (67%) e por meio ambiente (77%). Existe, porém, uma distância entre esse interesse declarado e a efetiva apropriação da cultura científica: apenas 7% dos jovens conseguem citar espontaneamente um cientista, e a participação em museus e espaços de ciência permanece reduzida. Além disso, apenas 28% demonstram interesse por política, indicando fragilidades no engajamento com temas de participação pública e reforçando a necessidade de estratégias educativas que aproximem ciência, cidadania e formação crítica.

É nesse contexto que nasce a Portinho Livre, plataforma digital de livros infantojuvenis em acesso aberto, criada em 2023 pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A iniciativa reúne obras que abordam temas relacionados à ciência, à saúde pública e à cidadania, disponibilizando gratuitamente conteúdos literários para crianças e adolescentes. Além de ampliar o acesso à literatura, a plataforma busca aproximar o público infantojuvenil do conhecimento científico por meio de narrativas que favorecem a imaginação, a curiosidade e a reflexão sobre questões fundamentais para a sociedade brasileira.

Para além de seu acervo digital, a Portinho Livre é também um selo editorial, dedicado à publicação de obras inéditas, e promove concursos de literatura infantojuvenil

ISSN: 2358-8829

que estimulam a produção textual de estudantes. Essas ações procuram articular a experiência literária à divulgação científica, criando oportunidades para o debate sobre temas como vacinação, meio ambiente, saúde coletiva e desigualdades sociais. Ao incentivar a leitura, a escrita e a discussão de questões de interesse público, a iniciativa busca contribuir com práticas educativas voltadas à formação crítica e cidadã, especialmente quando integrada ao trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas.

Neste artigo, vamos fazer um relato de experiência sobre esses quatro anos da Portinho Livre, ao mesmo tempo em que refletimos sobre um desafio crucial para sua trajetória, que é: como, de fato, assegurar que plataforma e selo estejam em sintonia com as vivências e as necessidades dos ambientes de aprendizado? Como promover o diálogo com leitores e professores para identificar o tipo de produção literária que, no cotidiano de escolas e demais espaços de leitura, contribua de fato para a "apreensão-reinvenção" de mundos que pode ser acesa pela experiência literária? Como criar uma comunicação efetiva com diferentes públicos e, com isso, produzir obras que conjuguem arte literária de qualidade, divulgação científica e construção de cidadania?

METODOLOGIA

Este artigo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem descritiva e reflexiva, dedicado à análise da trajetória da Portinho Livre. O trabalho parte da experiência institucional de desenvolvimento do selo literário, buscando recuperar seu percurso, suas motivações, suas principais ações e os desafios envolvidos na construção de uma iniciativa que aproxima a produção literária da circulação do conhecimento científico e do fortalecimento da cidadania.

A elaboração do relato fundamenta-se na reconstrução do percurso da Portinho Livre, refletindo sobre as estratégias adotadas para aproximar crianças e adolescentes de temas científicos e socialmente relevantes por meio da literatura. A análise assume caráter interpretativo, articulando a experiência relatada a referenciais teóricos sobre literatura infantojuvenil, divulgação científica, formação de leitores e educação crítica. Dessa forma, buscamos não apenas documentar a experiência, mas também discutir suas contribuições, possibilidades e desafios para a construção de práticas educativas que integrem ciência, arte literária e formação cidadã.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia de covid-19 evidenciou os desafios impostos pela circulação acelerada de desinformação e pelo aumento do descrédito na ciência, tornando ainda mais urgente a necessidade de fortalecer a comunicação pública da ciência e o diálogo entre instituições de pesquisa e sociedade. Nesse contexto, tornou-se fundamental que instituições públicas, como a Fiocruz, ampliassem suas estratégias de divulgação científica, investindo em linguagens acessíveis, formatos diversificados e iniciativas capazes de promover uma relação mais dialógica, crítica e participativa com diferentes públicos.

Não à toa, a Portinho Livre tem sua origem em uma experiência desenvolvida durante a pandemia, no fim de 2020, quando o distanciamento social impôs a necessidade de repensar as atividades presenciais de divulgação científica da Fiocruz, como, por exemplo, o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, celebrado em 11 de fevereiro. Diante da impossibilidade de receber, como nos anos anteriores, estudantes de escolas públicas para conhecerem as cientistas e os espaços de pesquisa da instituição, surgiu a ideia de criar um livro que mantivesse vivo o estímulo à curiosidade científica e aproximasse crianças e adolescentes das trajetórias de mulheres na ciência.

Assim nasceu *Histórias para inspirar futuras cientistas* (Krapp; Bonfim, 2021), obra voltada ao público infantil que apresenta a trajetória de 13 cientistas vinculadas à Fiocruz e que inaugurou a experiência do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), uma das unidades da Fiocruz, com a literatura infantojuvenil como recurso de divulgação científica.

O interesse despertado pelo livro, expresso em seu alcance digital, na procura por exemplares impressos e nos desdobramentos em atividades educativas e outros projetos de produção literária, evidenciou o potencial dessa abordagem para articular ciência, literatura e educação. Esse percurso levou à criação da Portinho Livre, lançada em 2023, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, como uma iniciativa integrada à Porto Livre — plataforma de livros acadêmicos em acesso aberto —, mas dotada de identidade visual e política editorial próprias, dedicada à promoção da literatura infantojuvenil em acesso aberto.

Além do *Histórias...*, a Portinho Livre foi ao ar reunindo outros livros infantojuvenis que já haviam sido publicados por diferentes institutos da Fiocruz, ou seja, que estavam disponíveis de forma dispersa. E logo a equipe do projeto buscou a criação

ISSN: 2358-8829

de livros inéditos, a partir da escolha de temas que pareciam importantes à instituição e aos desafios da sociedade brasileira. Logo pudemos adicionar duas obras inéditas ao acervo, ambas escritas sob encomenda, a partir da indicação dos temas selecionados: *Maria Rosa, o amor e as vacinas* (Rosa, 2023) e *Curumim Wiz e a mãe natureza: uma aventura pela saúde indígena* (Wapichana, 2025).

Escrito por Sônia Rosa e ilustrado por Graça Lima, *Maria Rosa...* acompanha uma menina cuja família é afetada pela pandemia de covid-19 e aborda, de forma sensível, a importância da vacinação e da responsabilidade individual para a proteção coletiva. Já *Curumim Wiz...*, escrito por Cristino Wapichana e ilustrado por Kássia Borges, narra a aventura de um menino indígena que encontra crianças de diferentes regiões do Brasil para refletir sobre os diversos modos de compreender e cuidar da saúde, valorizando a diversidade cultural e o respeito às diferenças.

Buscamos convidar autores e ilustradores já reconhecidos por seu talento literário, e manter um diálogo com pesquisadores da Fiocruz para garantir revisão técnica adequada das obras. Em comum entre elas, a preocupação em criar narrativas que ilustrem o conceito ampliado de saúde, ou seja, a ideia de que saúde é muito mais do que a ausência de doenças. Dito de outro modo, são obras que convidam os jovens leitores a perceberem a saúde não apenas como uma condição individual, mas como resultado das condições de vida, das relações sociais e da garantia de direitos.

À medida que avançávamos na produção, na edição e na divulgação das duas obras, porém, dois desafios foram se descortinando. O primeiro deles diz respeito ao depósito de novos livros no acervo. Como, em seu lançamento, a Portinho Livre se propunha a ser um repositório de livros infantojuvenis em acesso aberto, sobre temas da ciência e da saúde coletiva, passamos a receber inúmeras sugestões de obras já editadas. Narrativas criadas por cientistas, por especialistas em diferentes áreas da saúde coletiva, estudantes da pós-graduação, autores engajados em pautas do meio ambiente e da ciência. Livros editados por instituições públicas ou de forma independente. Trabalhos que, na maioria das vezes, mostravam um grande valor na dimensão informativa, ao lançarem luz a temas muito importantes. Mas que, por outro lado, raramente dispunham de algo fundamental a um livro infantojuvenil: o apelo literário, isso que podemos chamam “fenômeno criativo”, matéria que funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real (Coelho, 2000). A arte literária não se define por sua capacidade de ensinar, informar ou transmitir valores, mas por sua natureza artística e criativa, que articula imaginação e realidade. E é essa natureza,

ISSN: 2358-8829

com seu poder singular de convidar os leitores a reinventarem o mundo à sua volta, que nos fazia falta na maior parte das obras recebidas para depósito na plataforma.

Um dos desafios da Portinho Livre, portanto, consiste em selecionar e produzir títulos que não subordinem a literatura à transmissão de conteúdos, mas que articulem conhecimento e criação artística em narrativas capazes de envolver e provocar o público infantojuvenil. Reunir obras que, sem abrir mão do rigor científico, preservem a potência estética da literatura e incentivem os leitores a formular novas perguntas, questionar respostas estabelecidas e imaginar outras possibilidades de compreender e transformar a realidade.

Buscamos resolver parte desse desafio com a criação de um Conselho Editorial, formado por profissionais de diferentes áreas e perfis, que pudesse fazer uma avaliação crítica dos trabalhos recebidos para depósito. Isso, porém, não resolve o segundo desafio com o qual nos deparamos, e que está intrinsecamente relacionado ao primeiro. Como avaliar a chamada “qualidade literária” dessas obras sem promover estratégias de diálogo com o público-leitor? E poderíamos desdobrar essa pergunta em outras questões, como as que encerram a introdução deste nosso artigo.

Importante, neste ponto, abrirmos parênteses para evocar também a dimensão da Divulgação Científica, fundamental à Portinho Livre. Como se sabe, impossível delimitar um único conceito para “divulgação científica”, já que esta não é uma prática homogênea: envolve diferentes concepções de ciência, comunicação, público e sociedade. Em nosso trabalho, adotamos como referência a Política de Divulgação Científica da Fiocruz, que indica que se trata de um processo que “constrói sentidos e conhecimentos colocando atores de diferentes origens e saberes em diálogo” (2021, p. 8). Em todo o decorrer dessa política, é enfatizado o quanto a democratização do conhecimento científico depende da criação de espaços de interlocução com diferentes segmentos da sociedade. “Para que a ciência possa ser apropriada pela população, é preciso que as instituições de ciência e os cientistas estejam abertos ao diálogo com a população, criando espaços democráticos em que essa relação possa ser estabelecida de forma horizontal” (2021, p. 19), diz.

Também a educação é comunicação e é diálogo, "na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (Freire, 1983, p. 46). Num projeto que promove a interação entre arte literária, divulgação científica, educação e a construção de cidadania a partir da

ideia de saúde ampliada, e articulado por uma instituição de saúde pública e ciência, como é a Fiocruz, como promover estratégias de diálogo?

Pois foi assim também que a Portinho Livre — que já era desdobramento de um projeto bem-sucedido, o do livro *Histórias para inspirar...* — acabou se desdobrando em outro projeto. Ou, melhor dizendo: acabou sendo uma das experiências a abrir caminho para uma iniciativa que tem o diálogo de saberes e de experiências como elemento-central na busca por incentivar o debate de temas da saúde coletiva, da ciência e da cidadania, em ambientes de aprendizagem. A experiência com a Portinho Livre e seus desafios uniu-se à da produção de jogos e de conteúdo audiovisual em saúde, para gerar o projeto SUS nas Escolas.

Num primeiro momento, o SUS nas Escolas foi concebido como a proposta de envio, para escolas públicas, de kits pedagógicos com livros de literatura infantojuvenil (os da Portinho Livre), vídeos, jogos e materiais de apoio, concebidos para incentivar o pensamento crítico e ampliar a compreensão da saúde como direito social e construção coletiva. Já nas primeiras oficinas de formatação do projeto, porém, o desafio da promoção do diálogo, como já descrito aqui, se impôs como elemento incontornável.

Não bastava disponibilizar material pedagógico: seria fundamental construir espaços de troca de saberes e de experiências com os professores. Um dos eixos centrais da iniciativa, então, passou a ser a formação e a participação ativa dos professores, reconhecidos como interlocutores fundamentais para aproximar os conhecimentos produzidos pela Fiocruz das realidades vividas nas escolas. Por meio de oficinas presenciais e formação continuada, o projeto promove o contato dos educadores com os materiais e cria oportunidades para que compartilhem experiências e identifiquem estratégias pedagógicas adequadas a seus territórios e turmas. A proposta, portanto, não se limita a levar conteúdos científicos à sala de aula: busca construir, em diálogo com os docentes, formas lúdicas, participativas e contextualizadas de fortalecer o conhecimento e o debate sobre saúde, ciência, direitos e desigualdades.

Na prática, o projeto se dá em duas etapas de formação. A primeira é uma oficina de 8 horas, realizada nos territórios, onde professores e profissionais do Programa Saúde na Escola (PSE) participam de dinâmicas e são apresentados tanto ao conteúdo do kit quanto a possibilidades de atividades para o uso nas comunidades escolares. Ao fim dessa primeira oficina, eles recebem o certificado de Agentes SUS nas Escolas: profissionais que possam usar a criatividade para desenvolver atividades pedagógicas que estimulem

estudantes do Ensino Fundamental 2 a refletirem sobre saúde, ciência, direitos e desigualdades. A partir da formação e do uso de materiais educativos — como livros, filmes e jogos —, esse profissional é incentivado a construir estratégias lúdicas, críticas e contextualizadas, considerando as realidades de sua comunidade escolar e ampliando o debate sobre a saúde como direito e construção coletiva.

Após essa primeira oficina, as escolas recebem os kits pedagógicos, e os Agentes SUS nas Escolas estão automaticamente inscritos numa formação remota e assíncrona, de 90 horas, na qual têm acesso a material de apoio e poderão compartilhar suas experiências tanto com a equipe do projeto quanto com outros Agentes SUS nas Escolas.

No decorrer de 2026, 124 Agentes SUS nas Escolas, provenientes de 36 municípios da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, realizaram a oficina presencial. E encontram-se, no momento de fechamento deste artigo, em processo de formação continuada no curso Caminhos da Saúde na Escola.

Considerando que a formação ainda está em curso, a avaliação de seus efeitos só poderá ocorrer após o acompanhamento da maneira como os profissionais se apropriam dos materiais e incorporam a proposta às práticas escolares. Desse modo, nossa análise, por ora, se concentra em características do processo de implementação e às potencialidades da iniciativa, sem poder antecipar conclusões sobre resultados que só poderão ser observados em etapas posteriores — especialmente quando tivermos contato com os relatos de experiência e a avaliação, partes fundamentais do percurso formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Por que você se chama como você se chama? Qual a história por detrás do nome que te batiza?” Com essas perguntas, começamos as atividades do eixo de literatura das oficinas SUS nas Escolas. A cada uma delas, cinco ou seis voluntários narram, de improviso, as histórias que deram origem a essa palavra que os nomeia. Nas cinco oficinas que já realizamos até agora, temos ouvido histórias dramáticas ou engraçadas, delicadas ou com reviravoltas surpreendentes. Todas elas, porém, nos fazem lembrar: mesmo aquilo que temos de mais subjetivo — nosso nome próprio — só existe no contato com o outro. Assim como a literatura.

Após a atividade com os nomes, dividimos a turma em equipes e pedimos que criem alguma narrativa artística — que pode ser um breve texto literário, uma música, um esquete ou um jogral, por exemplo — a apresentar alguma pessoa do gênero feminino que represente, para a sua comunidade, alguém engajada na promoção da saúde em seu sentido ampliado. Foram muitas as personagens a serem lembradas com produções artísticas variadas. Foram muitas as histórias que nos revelaram saberes diversos, experiências coletivas, situações e crenças compartilhadas em comunidade. Entre o jogo e o confronto com a realidade dura do cotidiano em comum, entre as peripécias e os afetos envolvidos nessas trajetórias a permear o imaginário e a história dos territórios, nos salta aos olhos o poder desses relatos de enriquecerem as experiências de vida de todos nós ali presentes, forjando um ato criativo de construção de sentidos.

Não temos ainda como tecer uma análise minuciosa dos resultados da experiência do eixo literatura no projeto SUS nas Escolas. Mas acreditamos que os relatos dos professores, ao fim do itinerário formativo, poderão nos apoiar na edição de obras literárias que possam ser efetivas em sua função de convocar os leitores a, seduzidos pelo fenômeno criativo, criarem outras perspectivas sobre a realidade, desestabilizando certezas e vivenciando a experiência de novas descobertas.

Palavras-chave: Divulgação científica; Literatura Infantojuvenil; Comunicação Pública; Educação em Saúde

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **S/Z: uma análise da novela Sarrasine, de Honoré de Balzac**. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). **Política de Divulgação Científica da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **6ª edição da Retratos da Leitura no Brasil**. 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/. Acesso em: 29 out. 2026.

KRAPP, Juliana; BONFIM, Mel. **Histórias para inspirar futuras cientistas**. Ilustrações de Flávia Borges. Rio de Janeiro: Edições Livres, 2021.

MASSARANI, Luisa et al. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia – Survey 2024**. Rio de Janeiro: INCT-CPCT/Fiocruz, 2024.

ROSA, Sonia. **Maria Rosa, o amor e as vacinas** [recurso eletrônico]. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Portinho Livre, 2023. Disponível em: https://portolivre.fiocruz.br/sites/portolivre.fiocruz.br/files/livros_pdf/Maria%20Rosa%2C%20o%20Amor%20e%20as%20Vacinas_final%20Portinho%20Livre_0.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.

WAPICHANA, Cristino. **Curumim Wiz e a mãe natureza: uma aventura pela saúde indígena** [recurso eletrônico]. Ilustrações de Kássia Borges. Rio de Janeiro: Portinho Livre, 2025. Disponível em: https://portolivre.fiocruz.br/sites/portolivre.fiocruz.br/files/livros_pdf/Curumim_Wiz_e_a_mae_natureza_2025Ago_18x23cm_final.pdf. Acesso em: 29 out. 2026.